



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 31/07/2019



EUA: Como os avisos de desastres podem chamar sua atenção

Por Tim Henderson, redator da Stateline

Gerardo Ramirez, um trabalhador da indústria leiteira do Texas, estava perto de sua casa, mas em uma rota incomum para um hospital infantil em abril, quando dirigiu seu Volkswagen Jetta em uma seção inundada de estrada, não vendo na madrugada que as fortes chuvas haviam se transformado um pequeno riacho em uma armadilha da morte. Ramirez sobreviveu, mas sua esposa e dois filhos se afogaram.

Em março, a 800 quilômetros de distância, no condado de Lee, Alabama, 23 pessoas com idades entre 6 e 93 anos foram mortas em um tornado de 170 mph - apesar de um aviso de evacuação por parte das autoridades locais como aqueles que muitos moradores atenderam em tempestades anteriores este ano.

As situações mortais ilustram o que os especialistas veem cada vez mais como duas razões comuns para mortes desnecessárias por tempestades: terrenos desconhecidos que levam a decisões erradas, e pessoas ignorando alertas muito familiares que não deram certo no passado.

Aproveitando a nova tecnologia de previsão, as autoridades federais esperam afiar os alertas de desastres que enviam diretamente aos celulares, bem como aos gerentes de emergência estaduais e municipais, para tornar as advertências mais rápidas e claras sobre as condições de risco de vida. Eles querem alertar pessoas como a família Ramirez, que pode estar em terreno desconhecido, como desastres inesperados, como inundações repentinas, tornados ou incêndios florestais se desdobram.

Ao mesmo tempo, cientistas sociais que trabalham para o governo federal entrevistam sobreviventes de tempestades como os do Condado de Lee, reunindo informações

para futuros avanços em alertas de desastres para combater a "fadiga de resposta" que pode desgastar o senso de urgência das pessoas, como aparentemente aconteceu no Alabama. .

Alguns dos que permaneceram no condado de Lee tinham planos bem pensados de evacuar, incluindo coleta de suprimentos, prender crianças e identificar um parente ou amigo em uma casa mais substancial, segundo Kim Klockow McClain, que entrevistou sobreviventes.

"Eles dependem de recursos da família e, francamente, pode demorar o dia todo para esperar. As pessoas estavam perdendo dinheiro ", disse Klockow McClain, cientista do National Severe Storms Laboratory, em Oklahoma, um laboratório de pesquisa da National Oceanic and Atmospheric Administration. "Eles simplesmente não foram naquele dia. É simples assim."

Para tentar levar os moradores a agir, em setembro, o Serviço Nacional de Meteorologia mudará os alertas de enchentes para mencionar especificamente se a ameaça é "considerável" ou "catastrófica", disse Daniel Roman, um hidrólogo do Serviço Nacional de Meteorologia. . As autoridades vão fazer essa ligação com base em informações de observadores meteorológicos locais, provas de radar de detritos de tornados ou detecção por computador de condições que causaram tempestades no passado.

A categoria "considerável" de inundações exige "ação urgente" por residentes e autoridades locais "para preservar vidas e propriedades", enquanto a categoria "catastrófica" significa que as águas estão "subindo a níveis raramente ou nunca vistos" e "ameaçam vidas e causar danos desastrosos. "

Em novembro, depois que o sistema estiver em vigor, avisos de enchentes enviados a telefones celulares em todo o país serão reduzidos apenas àqueles na categoria considerável ou catastrófica, menos de 10% das 12.000 advertências de inundação agora emitidas todos os anos para celulares e autoridades locais. disse.

"A idéia é que você reduza o número, para que você não fique insensível ao público", disse Roman. Avisos sobre inundações mais rotineiras continuarão saindo de outras formas, mas não zumbirão os celulares da região.

O ruído de fundo de muitos avisos pode ser tão perigoso quanto nenhum aviso.

"Há todos esses avisos e as pessoas ainda estão dirigindo para as águas da enchente", disse W. Craig Fugate, chefe da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências durante o governo Obama e ex-diretor da Divisão de Gerenciamento de Emergências da Flórida.

"Você pode dizer 'vire-se, não se afogue', mas há tantos avisos de enchentes que as pessoas os apagam e não percebem que isso é mais destrutivo", disse Fugate. "Quebrar o barulho é o desafio."

Avisos baseados em impacto já estão em vigor para tornados.

A ideia surgiu depois que tornados mataram 553 pessoas em todo o país em 2011, o pior ano desde 1925, com mais de 400 mortes apenas no Alabama e no Missouri, apesar das advertências em vigor na maioria dos casos.

Quando o Serviço Nacional de Meteorologia entrevistou pessoas em Joplin, Missouri, onde 158 pessoas morreram, eles ouviram que a maioria dos moradores contava com sirenes de tornados da comunidade para saber de um tornado que se aproximava e se voltaram para outras fontes como amigos ou televisão antes de procurar abrigo.

O serviço concluiu que alertas mais curtos e mais específicos levariam mais pessoas a se proteger, e as advertências saíram do país em 2018, após um projeto de demonstração no sul.

Mas nem todo mundo concorda. Klockow McClain, que é ao mesmo tempo meteorologista e cientista social em Oklahoma para o National Severe Storms Laboratory, é um cético sobre os alertas baseados no impacto, chamando-os de "baseados no medo".

"Você não pode controlar as pessoas e forçá-las a tomar determinadas ações através do medo", disse Klockow McClain, acrescentando que os avisos devem incluir mais detalhes sobre o que as pessoas devem fazer, não apenas os impactos que podem resultar de uma tempestade.

Embora muitas pessoas tenham a impressão de que os moradores ignoram os alertas de desastres, suas experiências entrevistando sobreviventes levaram-na a uma conclusão diferente.

"As pessoas estão pensando nisso, estão buscando confirmação e tentando decidir o melhor curso de ação", disse Klockow McClain. "Às vezes, os meteorologistas criticam as pessoas por olhar para fora em busca de um sinal da tempestade, mas esse é um instinto muito natural."

Enchentes, tornados, incêndios florestais e furacões mataram 226 pessoas no ano passado, segundo estatísticas federais.

Já houve 38 mortes por tornados e 67 de enchentes neste ano; dois terços das vítimas das enchentes estavam em veículos. Eles incluem 10 mortes no Texas, seis no Kentucky e cinco no Missouri.

Nos últimos anos, as inundações de Wimberley no Texas contribuíram para um número nacional de mortes relacionadas a inundações de 186 em 2015, e em 2017 o furacão Harvey inundou Houston, contribuindo para 182 mortes.

O novo formato para avisos de enchentes vem no momento em que o Serviço Nacional de Meteorologia renova outros avisos para torná-los mais curtos e mais específicos

sobre danos. A partir de 24 de setembro, o serviço reduzirá e simplificará os avisos sobre tudo, de neblina a gelo.

Avisos baseados em impacto incluem mais detalhes para ajudar as pessoas a visualizarem o que poderia acontecer - por exemplo, um alerta de granizo poderia dizer que "pessoas e animais ao ar livre ficarão gravemente feridos", disse Gregory Schoor, líder das tempestades do Serviço Nacional de Meteorologia.

Onde os desastres são uma parte familiar da vida, as pessoas conhecem o treinamento e geralmente respondem rapidamente aos avisos de desastres e ordens de evacuação, dizem muitos gerentes de emergência.

Tornados atingiram El Reno, Oklahoma, em 2011 e novamente em 2013, quando uma tempestade de 2,6 milhas de largura, a mais ampla já registrada nos Estados Unidos, matou oito pessoas, incluindo três conhecidos caçadores de tempestades.

Houve pouco alerta em maio antes do último tornado em El Reno, que matou duas pessoas destruindo casas móveis e explodindo lixeiras em quartos de motel, disse Andrew Skidmore, gerente de emergência do Condado de Canadian.

Mas com a história da região como parte do Beco Tornado de Oklahoma, os moradores não são complacentes com a ameaça, disse Skidmore. O condado oferece abrigos em escolas públicas para pessoas que precisam deles, como residentes de casas móveis.

"As pessoas aqui estão sempre olhando para o céu e ligando a TV, e as agências de notícias aqui fazem um bom trabalho em manter as pessoas atualizadas e dizer-lhes o que precisam fazer", disse Skidmore. "Não há senso de complacência aqui."

A familiaridade gera cautela ao longo de riachos propensos a inundações nas montanhas da Carolina do Norte, disse David Vance, coordenador de gerenciamento de emergência do Condado de Avery.

"As pessoas que vivem ao longo desses riachos observam com muito cuidado e sabem quando é hora de fugir", disse Vance, acrescentando que o condado tem um sistema "911 reverso" para ligar automaticamente para casas com alertas de inundação.

Mesmo na área ao sul de Dublin, no Texas, onde a tragédia de Ramirez se desenrolou em abril, os moradores próximos à estrada sabem que chuvas fortes podem causar inundações traiçoeiras, disse Susan Driskill, coordenadora de gerenciamento de emergência do condado de Erath.

Depois de uma forte chuva na noite anterior e de um severo relógio de trovoadas emitido às 3 da manhã daquele dia, os trabalhadores do transporte estatal tinham barricado as estradas inundadas, mas a estrada que Ramirez tomou ainda não havia sido inundada naquele momento, disse Driskill.

A família Ramirez vinha do vizinho condado de Comanche, fazendo uma viagem especial a um hospital onde uma operação odontológica com anestesia estava programada para uma das crianças, disse Driskill.

“Esses riachos podem subir muito rapidamente. As pessoas por aqui estão cientes disso”, disse Driskill, acrescentando que os moradores seguem a página do condado no Facebook em busca de alertas e a chamam para relatar enchentes ou incêndios de grama que ameaçam as casas.

“Eles não gostam de evacuar. Eles vão ficar com sua propriedade”, disse ela sobre os moradores da região, incluindo muitos produtores de leite que fazem do município um dos maiores produtores de leite do estado.

Os meteorologistas começaram recentemente a reconhecer a necessidade de aguçar as previsões meteorológicas para chamar a atenção em áreas onde os moradores não podem estar acostumados a tempestades que ameaçam a vida. Klockow McClain disse que os meteorologistas da ciência social, como ela, ainda estão na "fase de diagnóstico" e não têm todas as respostas ainda sobre o que motivará as pessoas a agir de forma mais consistente em alertas de desastres inesperados.

O trabalho de Klockow McClain é financiado pelo governo e tem como objetivo ajudar a desenvolver um sistema futuro de feedback de sobreviventes de desastres sobre os avisos que ouviram e como eles reagiram, disse ela. A diretora de serviços de emergência do condado de Lee, no estado de Alabama, Kathrine Carson, disse que ficou surpresa ao ouvir que algumas pessoas podem não ter evacuado, já que havia mais pessoas do que o habitual em um abrigo perto da área mais atingida.

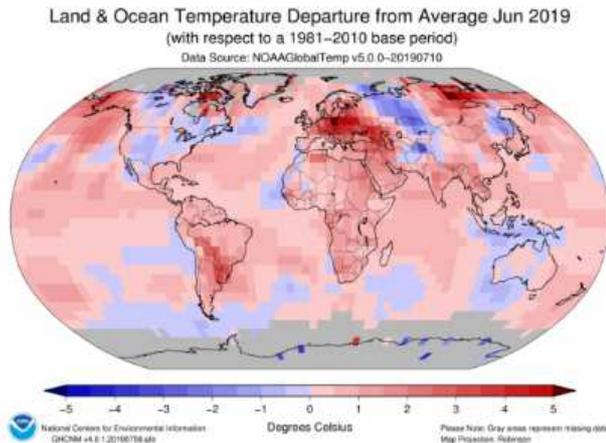
Keith Seitter, diretor da Sociedade Americana de Meteorologia, disse que os meteorologistas buscam uma pesquisa como a de Klockow McClain para obter orientação sobre como adaptar os futuros alertas para o efeito máximo.

"Este é um problema para todos os meteorologistas, e levamos isso muito a sério", disse Seitter.

FONTE: <https://www.pewtrusts.org/en/research-and-analysis/blogs/stateline/2019/07/09/how-disaster-warnings-can-get-your-attention>



Junho de 2019 foi o mais quente já registrado no mundo



Após a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOOA) divulgar que junho deste ano foi o mais quente já registrado, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) chamou atenção para os riscos das temperaturas elevadas e seus impactos para as calotas polares dos Hemisférios Norte e Sul — onde foram registrados recordes de derretimento.

“As temperaturas da superfície terrestre e marinha foram as mais altas (já) registradas. Nove dos dez ‘junhos’ mais quentes ocorreram desde 2010”, afirmou a porta-voz da OMM, Claire Nullis, em coletiva de imprensa na sexta-feira passada (19).

De acordo com a representante da agência da ONU, junho de 2019 também foi o 414º mês consecutivo com temperaturas acima das médias registradas no século XX. Ao longo do mês passado, foram identificadas ondas de calor no oeste e no centro da Europa, com temperaturas até 10° C acima do normal. Na França, o serviço meteorológico nacional registrou uma máxima de 46° C no sul do país.

“As temperaturas foram notavelmente superiores à média na ilha de Baffin, no norte da Sibéria (onde incêndios florestais continuam) e em algumas partes da Antártida. Outras regiões com temperaturas substancialmente superiores ao normal incluem a Groenlândia, o Alasca e partes da América do Sul, África e Ásia. A Índia e o Paquistão tiveram uma onda de calor severa na primeira parte do mês, antes do início das monções”, explicou Claire.

Nenhuma parte do planeta Terra teve recordes de frio entre janeiro e junho de 2019. A porta-voz da OMM ressaltou, porém, que as temperaturas são apenas “uma parte da história”.

“De acordo com uma análise realizada pelo Centro Nacional de Dados de Neve e Gelo, em junho, foi registrada a segunda menor extensão de gelo marinho na Ártico em (todos os) 41 anos que se têm registros, atrás (somente) do mínimo histórico identificado em junho de 2016. O gelo marinho antártico também foi o mais baixo (já registrado)”, afirmou Claire.

A temperatura média entre janeiro e junho de 2019 é a segunda mais alta no acumulado de 140 anos. Os números são superados apenas pelos de 2016.

Os desvios da média para o alto do termômetro foram registrados sobretudo em regiões do Hemisfério Norte — especificamente no Alasca, no oeste do Canadá e no centro da Rússia. Mas o calor também bateu recordes na porção sul da África, na Nova Zelândia, em Madagascar e no centro da América do Sul.

Já os desvios para baixo mais significativos foram identificados nos estados da fronteira entre EUA e Canadá.

FONTE: <https://public.wmo.int/es/media/noticias/la-tierra-experimenta-el-mes-de-junio-m%C3%A1s-c%C3%A1lido-jam%C3%A1s-registrado>



Inundações: as cidades e aldeias costeiras da Grã-Bretanha enfrentam um desafio de projeto para lidar com a emergência climática

Por Carola Koenig, Professora Sênior em Engenharia, Líder do Programa de Engenharia de Enchentes e Costeiras, Brunel University London; e Philip Collins, professor sênior de Geologia e Engenharia Geotécnica, vice-reitor (Educação) da Brunel University London

Como uma nação insular, a Grã-Bretanha tem comunidades vulneráveis que precisam estar preparadas para o impacto da emergência climática. E embora muito tenha sido dito sobre as casas em risco do mar nas regiões costeiras, ou aquelas no interior sujeitas a inundações nos rios, o novo relatório de progresso do Comitê sobre Mudanças Climáticas do Reino Unido para 2019 expôs o desafio que enfrentam.

Em 2018, Hemsby, na costa de Norfolk, no leste da Inglaterra, viu várias casas perdidas drasticamente depois que tempestades provocaram a queda de metros da

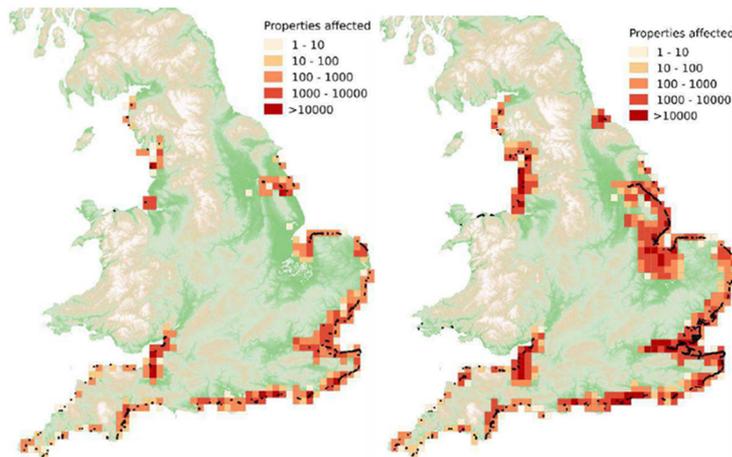
borda do penhasco de areia. Durante a última década, grandes tempestades deixaram áreas substanciais da Inglaterra inundadas por semanas ou meses, como em 2007, 2009, 2012 e os invernos de 2013-14 e 2015-16. A Agência Ambiental disse que o Reino Unido deve ter que abandonar as áreas, em vez de continuar a defendê-las com as defesas contra cheias cada vez mais altas e mais fortes que seriam necessárias.

De acordo com a avaliação do risco da mudança climática do comitê , é quase certo que a Inglaterra terá que se adaptar a pelo menos um metro de elevação do nível do mar. Estudos de modelagem mostraram que as inundações aumentam exponencialmente com o aumento do nível do mar . Assim, para as áreas costeiras sujeitas a inundações, não é suficiente aumentar a altura dos muros de acordo com a elevação do nível do mar.

A avaliação prevê que até 1,5 milhão de propriedades (incluindo 1,2 milhão de residências) podem estar localizadas em áreas com um risco anual de inundação de uma vez em 200 anos ou mais na década de 2080. Cerca de 8.900 propriedades estão localizadas em áreas de risco de erosão costeira, o que pode aumentar para mais de 100.000 propriedades na década de 2080. Enquanto a erosão costeira afeta menos propriedades do que as inundações, o impacto é mais drástico devido à inevitável e irreversível perda de terra para o mar.

Prevê-se que aumentos significativos no risco de inundação costeira ocorram já na década de 2020, devido ao aumento na frequência de tempestades. De acordo com as projeções do comitê, o número de propriedades residenciais expostas a inundações com uma frequência cada vez maior a cada 75 anos (em média) deverá aumentar 20% na década de 2020, sob o cenário de aumento de 4 ° C nas temperaturas globais até 2080.

No entanto, o último relatório do Comitê sobre Mudanças Climáticas sobre como lidar com essas questões pontua o trabalho de aliviar as inundações de águas superficiais e trabalha para garantir que o desenvolvimento de novos edifícios seja adequadamente projetado para manejar as inundações, ambos firmemente no “vermelho” do vermelho-âmbar-verde. sistema de semáforo que indica prontidão. Outros aspectos da proteção contra inundações são apenas ligeiramente melhores, com proteção e alívio de enchentes e recuperação de enchentes e inundações em geral marcados como “âmbar”.



Note: 10 x10 km squares (left) for 1m sea level rise (right) 4m sea level rise

Número de propriedades (residenciais e não residenciais) potencialmente afetadas por um futuro, uma vez a cada 200 anos. HR Wallingford

Nos Países Baixos, durante séculos vulneráveis a inundações devido à sua baixa altitude, uma série de novas abordagens para a gestão da água foram adotadas ao longo dos anos, em um esforço para viver com água, em vez de combatê-la. Esquemas vão desde casas à prova de inundações, incluindo casas flutuantes, até o programa Room for the River , que envolve estratégias para evacuações planejadas, realocação temporária de agricultores e aldeões e inundação estratégica de polders (áreas recuperadas separadas por diques de drenagem).

O Reino Unido tem suas próprias abordagens para gerenciar o aumento do risco de enchentes e está desenvolvendo novas abordagens em vista das terríveis previsões de especialistas em mudança climática sob cenários de aumento de temperatura global de 2 ° C e 4 ° C. As inundações ribeirinhas e as enchentes costeiras (de inundação de cursos d'água ou costeira), bem como as inundações de águas superficiais e subterrâneas (de chuva e tempestades e drenagem insuficiente) foram categorizadas como as fontes de risco mais significativas no Reino Unido agora e no futuro.

Coastlines changed

A projeção do comitê de risco de inundação identificou as medidas baseadas em engenharia mais eficazes em termos de custos para reduzir as inundações, como melhorar as defesas, realinhamento gerenciado da costa, gestão da área de captação e gestão do escoamento urbano por meio de sistemas de drenagem sustentáveis. Neste caso, o “realinhamento” da costa implica não apenas as mudanças naturais no litoral físico como resultado da mudança climática, mas também a decisão de abandonar ou realocar assentamentos inteiros. Isso pode ter um impacto pessoal e financeiro significativo sobre os moradores afetados.

Embora o abandono de propriedades em lugares como Happisburgh e Hemsby em Norfolk devido à erosão costeira seja bem conhecido, podemos ver no mapa acima que muitas outras áreas costeiras em torno dos estuários de Humber, Mersey, Severn

e Thames estão em risco. Os afetados, e também os principais ativos de infraestrutura, precisarão ser avaliados para verificar se devem ser incluídos nesse processo de realinhamento costeiro. A área ao redor do Tâmesa, no sul da Inglaterra, provavelmente será classificada como digna de proteção devido ao grande número de pessoas que vivem lá, por exemplo. Além disso, várias planícies baixas no interior do país também serão perdidas - muitas das quais foram selecionadas para desenvolvimento habitacional apenas algumas décadas atrás.

Embora o planejamento e os regulamentos de construção possam reduzir o risco de inundação para novas propriedades nas áreas afetadas, o crescimento antecipado da população significa que há uma crescente pressão para se construir em várzeas. De acordo com Emma Howard Boyd, presidente da Agência Ambiental, o número de propriedades construídas em várzeas duplicará nos próximos 50 anos, criando novos problemas de risco de inundação.

O Reino Unido tem um número significativo de indústrias e infraestruturas chave na costa - por exemplo, centrais elétricas, usinas petroquímicas, indústrias siderúrgicas e infraestrutura de petróleo e gás. Lidar com os desafios de design associados ao financiamento adequado para habitação, empresas e indústrias e ter uma força de engenharia bem qualificada será fundamental.

Em vista do crescente impacto da mudança climática, precisamos urgentemente construir nossa resiliência às inundações. Resiliência de inundação inclui saber quais são os riscos e onde. Precisamos de soluções flexíveis de engenharia, incluindo o gerenciamento natural de riscos de inundação, bem como formas de ajudar a sociedade a se adaptar. Precisamos ter certeza de que temos as pessoas certas, com as habilidades certas em todos os níveis, para tratar de questões socioeconômicas relacionadas, incluindo decisões difíceis sobre o que lutar para manter e o que pode ser perdido.

FONTE: <https://www.theccc.org.uk/publication/progress-in-preparing-for-climate-change-2019-progress-report-to-parliament/#outline>



Relatório da ONU pede mudanças na forma como o mundo produz e consome alimentos

Com a previsão de que a população mundial chegará a quase 10 bilhões em 2050, um novo relatório mostra que o sistema global de alimentos deve passar por mudanças urgentes para garantir que haja comida adequada para todos, sem destruir o planeta.

O “Relatório de Recursos Mundiais: Criando um Futuro Alimentar Sustentável” revela que enfrentar esse desafio exigirá o fechamento de três lacunas: uma “lacuna alimentar” de 56% entre o que foi produzido em 2010 e os alimentos que serão necessários em 2050; uma “lacuna de terra” de quase 600 milhões de hectares (uma área quase duas vezes maior que a da Índia) entre a área agrícola global em 2010 e a expectativa de expansão agrícola até 2050; e um “gap de mitigação de gases de efeito estufa” de 11 gigatoneladas entre as emissões esperadas da agricultura em 2050 e o nível necessário para atender o Acordo de Paris para o clima.

Para preencher as lacunas, o relatório pede ajustes significativos na produção de alimentos, bem como mudanças no consumo das pessoas. Desde o manejo da pesca silvestre até a quantidade de carne a ser consumida, o relatório fornece aos formuladores de políticas, empresas e pesquisadores um roteiro abrangente sobre como criar um sistema alimentar sustentável da fazenda até o prato.

“Milhões de agricultores, empresas, consumidores e todos os governos do planeta terão que fazer mudanças para enfrentar o desafio alimentar global. Em todos os níveis, o sistema alimentar deve estar vinculado a estratégias climáticas, bem como proteções do ecossistema e prosperidade econômica”, disse Andrew Steer, presidente e CEO do World Resources Institute. “Embora a escala do desafio seja maior do que se imagina, as soluções que identificamos têm um potencial maior do que muitos imaginam. Há razão para ter esperanças de que podemos alcançar um futuro sustentável em alimentos”.

“A oportunidade de transformar o sistema alimentar não deve ser ignorada. Recompensar os fazendeiros por produzir alimentos mais diversificados e nutritivos de uma maneira muito mais sustentável ajudará a aumentar sua renda e criar empregos, construir sociedades mais saudáveis, reduzir as emissões de gases de efeito estufa e apoiar a recuperação dos serviços ecossistêmicos essenciais”, disse Laura Tuck, vice-presidente de Desenvolvimento Sustentável no Banco Mundial.

“O financiamento público deve ser examinado e, se necessário, redesenhado, para apoiar o uso mais sustentável dos recursos naturais e alinhar melhor a produção de alimentos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável dos países”.

Produzido pelo World Resources Institute em parceria com Banco Mundial, ONU Meio Ambiente, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e agências francesas de pesquisa agrícola CIRAD e INRA, o relatório apresenta soluções para reformular a forma como o mundo produz e consome alimentos de forma a garantir uma sustentabilidade para o sistema alimentar até 2050.

Entre as soluções apontadas, está reduzir o crescimento da demanda, diminuindo a perda de alimentos e o desperdício, com dietas mais saudáveis; aumentar a produção de alimentos sem expandir a área agrícola através de ganhos de produtividade para culturas e pecuária; proteger e restaurar os ecossistemas naturais, reduzindo o desmatamento, restaurando terrenos e vinculando ganhos de produtividade com a conservação do ecossistema; aumentar a oferta de peixe melhorando os sistemas de aquicultura e a gestão da pesca selvagem; e reduzir as emissões de gases do efeito de estufa na produção agrícola através de tecnologias inovadoras e métodos agrícolas.

Muitas das descobertas do relatório usam o novo modelo GlobAgri-WRR, que quantifica até que ponto cada item citado pode ajudar a aumentar a disponibilidade de alimentos, evitar o desmatamento e reduzir as emissões de gases do efeito estufa. O relatório também identifica uma série robusta de políticas, inovações e incentivos que podem dar escala às soluções.

“A tecnologia será uma das chaves para o sucesso futuro do sistema alimentar. Não há potencial realista para criar um futuro sustentável de alimentos sem grandes inovações”, disse Tim Searchinger, pesquisador sênior do WRI e principal autor do relatório. “A indústria já está criando avanços emocionantes como alimentos que suprimem a formação de metano no estômago das vacas. Precisamos de mais financiamento para pesquisa e desenvolvimento e regulamentação flexível para incentivar o setor privado a inovar”.

“Este relatório é claro sobre o que está acontecendo no sistema alimentar e as transformações que precisamos urgentemente fazer. Um tema evidente é o quanto a localização das terras agrícolas está mudando, tanto entre os países quanto dentro deles. Essa mudança está tornando o desafio alimentar e climático mais difícil de resolver. Como resultado, o mundo precisa vincular melhor os esforços para aumentar

os rendimentos agrícolas com a proteção de florestas e outras terras naturais”, disse Inger Andersen, diretora-executiva da ONU Meio Ambiente.

A mudança dos padrões de consumo, o aumento da produtividade das culturas e da pecuária e a melhoria da eficiência de insumos, como fertilizantes, podem reduzir significativamente as emissões e a demanda por terra, ao mesmo tempo em que aumentam a renda agrícola. Manter o aquecimento global abaixo de 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais exigiria fazer isso e todas as demais soluções apontadas pelo documento, além de reflorestar mais de 585 milhões de hectares disponibilizados por esses ganhos de eficiência.

“O chamado à ação desse relatório pode ser resumido em três palavras: produzir, proteger e prosperar. Estes não são interesses concorrentes”, disse Achim Steiner, administrador do PNUD. “É possível produzir mais alimentos com a mesma quantidade de terra agrícola de hoje, proteger os ecossistemas e fazer isso de uma maneira que garanta que os agricultores e outros possam prosperar. Criar um futuro de comida sustentável não será fácil, mas pode ser feito.”

O novo relatório contém as conclusões completas que sustentam a síntese da criação de um futuro alimentar sustentável, que foi lançado em dezembro de 2018 na COP24 na Polônia.

Sobre o World Resources Institute

O WRI é uma organização de pesquisa global que abrange mais de 60 países, com escritórios em Brasil, China, países da Europa, Etiópia, Índia, Indonésia, México, Estados Unidos e outros. O instituto conta com mais de 800 especialistas e funcionários, que trabalham em estreita colaboração com os líderes para transformar grandes ideias em ações ambientais, para oportunidades econômicas e de bem-estar humano.

Sobre a ONU Meio Ambiente

A ONU Meio Ambiente é a voz global líder em meio ambiente. Ela fornece liderança e incentiva a parceria no cuidado com o meio ambiente, inspirando, informando e permitindo que nações e povos melhorem sua qualidade de vida sem comprometer as

gerações futuras. A ONU Meio Ambiente trabalha com governos, setor privado, sociedade civil e outras entidades da ONU e organizações internacionais em todo o mundo.

FONTE: https://wrr-food.wri.org/sites/default/files/2019-07/WRR_Food_Full_Report_0.pdf



FAO e países lusófonos criam centro para impulsionar agricultura familiar e agroecologia

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) anunciaram na quinta-feira (18) a criação de um centro de treinamento para promover a agricultura familiar sustentável. Com sede em São Tomé e Príncipe, a instituição vai promover trocas de conhecimento entre técnicos, professores de escolas agrícolas e pequenos produtores.

O projeto dos dois organismos internacionais tem investimentos estimados em 400 mil dólares. Um dos principais objetivos das atividades de formação será impulsionar a participação dos pequenos produtores e técnicos rurais na formulação de leis sobre agroecologia e agricultura familiar.

O centro também vai estimular a capacitação em temas como tecnologias de processamento e armazenamento de alimentos e acesso a mercados de valor agregado para os produtos da agricultura familiar. Entre as cadeias produtivas visadas pela instituição, estão as culturas da mandioca, café, cacau, caju, peixe, carne e laticínios, além de frutas e vegetais.

“Não vamos mudar os sistemas alimentares (somente) com tecnologia, mas, em vez disso, precisamos fazer mudanças nas leis e na pesquisa”, afirmou o diretor-geral da FAO, José Graziano da Silva.

Em Portugal para o evento *Territórios Relevantes para um Mundo Sustentável*, o dirigente defendeu que é necessário “abrir a janela da catedral da Revolução Verde, para plantar a ideia de que um modelo mais sustentável e responsável de produção e consumo é possível”.

A Revolução Verde é a expressão utilizada para se referir aos avanços do setor agrícola em meados do século XX, quando o uso de novas tecnologias, fertilizantes e pesticidas gerou ganhos impressionantes de produção, sobretudo nos países em desenvolvimento.

Segundo Graziano, a Revolução Verde “alcançou os seus limites e é hora de implementar diferentes modelos para combater a fome e a obesidade crescentes”.

A FAO e os países lusófonos consideram que o bem-estar dos pequenos produtores e dos agricultores familiares é fundamental para a coesão social, o desenvolvimento rural e a preservação dos ecossistemas.

A CPLP é formada por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial e Timor-Leste. Somadas, as populações desses países chegam a mais de 285 milhões de pessoas.

A agricultura familiar e a agroecologia têm um papel proeminente na Estratégia Regional da CPLP para a Segurança Alimentar e Nutricional. Esse marco foi adotado por chefes de Estado e Governo em 2012, para enfrentar a fome e a má nutrição.

As nações lusófonas também tiveram um papel fundamental nos processos que levaram à adoção da Década da ONU para a Agricultura Familiar (2019-2028) e da Década da ONU para a Nutrição (2016-2025).

Desde 1999, a FAO e a comunidade linguística trabalharam juntas em diversos projetos de desenvolvimento. Iniciativas futuras estão previstas nas áreas de políticas sobre dietas, agroecologia e a promoção dos sistemas agrícolas que são considerados patrimônios de importância global.

FONTE: <http://www.fao.org/news/story/en/item/1202494/icode/>



Pesquisa aponta riscos enfrentados por venezuelanos em deslocamento

Uma pesquisa sobre venezuelanos que deixaram seu país revelou que metade (50,2%) das famílias entrevistadas enfrentaram ou continuam enfrentando riscos específicos durante suas jornadas por conta de fatores como idade, gênero, saúde e outras necessidades. Há também aqueles que precisaram tomar drásticas decisões para sobreviver, incluindo mendicância, trabalho infantil ou prostituição.

Estes fatores estão entre as descobertas da pesquisa publicada nesta sexta-feira (19) pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR). Os resultados estão baseados em 7.846 entrevistas conduzidas em diversos países da América Latina e Caribe de janeiro a junho de 2019, nas quais pessoas eram perguntadas sobre suas experiências.

Embora governos da região tenham emitido diversos vistos de residência temporária para venezuelanos, 34% dos entrevistados não tinham nenhum tipo de documentação,

seja porque entraram de maneira irregular em um país ou porque suas permissões expiraram. O restante disse ter vistos temporários ou de turismo, com apenas 4% tendo residência permanente.

Quinze por cento dos entrevistados solicitaram refúgio e 26% disseram planejar fazê-lo. Para aqueles que não pretendem fazer a solicitação, a maioria não conhecia a existência de procedimentos e direitos, com alguns acreditando erroneamente que solicitar refúgio os impediria de retornar para casa. É importante notar que apesar de um número relativamente baixo de solicitações até o momento, o sistema de refúgio da região está sobrecarregado.

Cerca de 66% dos entrevistados disseram estar desempregados ou trabalhando informalmente, e 43% disseram ter enfrentado dificuldades em encontrar acomodação, principalmente devido à falta de fundos e documentos, bem como discriminação por conta de sua nacionalidade.

As entrevistas – realizadas em Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, Peru e Uruguai – fazem parte dos esforços coordenados de ACNUR, municípios, ONGs e ministérios do governo para obter uma visão abrangente dos riscos de proteção e do acesso limitado a direitos enfrentados pelos venezuelanos nos países de trânsito ou destino, bem como suas necessidades.

A coleta de informações detalhadas sobre proteção é essencial para garantir análises e respostas baseadas em evidências, coerentes e oportunas, e para identificar lacunas na prestação de cuidados e serviços.

A pesquisa, que é conduzida usando uma ferramenta padronizada de monitoramento de proteção, resultou em ações concretas, já que os entrevistadores podem encaminhar pessoas que identificam como em risco de ajuda e acompanhamento. De janeiro a junho, mais de 1,5 mil pessoas foram encaminhadas para aconselhamento ou serviços dessa maneira.

Este monitoramento de proteção está em andamento para construir uma imagem mais detalhada e uma análise da situação dos estimados 3,3 milhões de venezuelanos atualmente em outros países da América Latina e do Caribe.

Devido aos riscos associados à falta de documentos, o ACNUR acolhe o roteiro acordado pelos governos regionais em Buenos Aires em 5 de julho para facilitar a integração de refugiados e migrantes venezuelanos, inclusive fortalecendo os processos de registro e documentação.

O roteiro faz parte do Processo de Quito, uma iniciativa com o objetivo de harmonizar as políticas e práticas dos países, coordenar a resposta humanitária e melhorar o acesso a serviços e direitos para os refugiados e migrantes venezuelanos.

Para complementar esses esforços dos Estados e atender às necessidades de proteção, assistência e integração dos refugiados e migrantes da Venezuela, uma Plataforma de Coordenação Regional Interagencial foi estabelecida em abril de 2018 e um Plano Regional de Resposta a Refugiados e Migrantes (RMRP) foi lançado em dezembro do ano passado.

FONTE:<http://reporting.unhcr.org/sites/default/files/UNHCR%20Protection%20Monitoring%20Report%20for%20VenSit%20-%20EN%20-%20July%202019.pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>